

Dossiê

Partidos políticos antiestablishment na Europa Central pós 1989: uma lógica populista?

Antiestablishment political parties in Central Europe Post 1989: a populist logic?

Flávio Rodrigues Barbosa

Doutor, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCSO), Juiz de Fora, MG, Brasil
f.rodriguesbarbosa@gmail.com

Resumo: Em nosso artigo, abordamos o fenômeno de ascensão de novos partidos políticos de apelo *antiestablishment* na Europa Central pós 1989, fenômeno que também vem sendo tratado na literatura política europeia como um novo período de ascensão do populismo. Iniciamos abordando a contextualização política e social responsável pelo sucesso eleitoral dessas novas organizações partidárias. Em seguida, abordamos o que vem sendo discutido e entendido por populismo pelos estudiosos do contexto atual centro-europeu e o que interpretamos sobre o assunto enquanto fenômeno e estratégias políticas correspondentes. Por fim, procedemos a uma análise de caso sobre o primeiro dos mais bem sucedidos novos partidos políticos *antiestablishment* da República Tcheca, o Assuntos Públicos (Veci Verjené). O resultado de nossos estudos nos levou a concluir que o populismo, enquanto fenômeno, na região central da Europa, não se configura e a região se caracteriza, hoje, mais por uma reação conservadora de novos grupos de centro-direita descontentes com a gestão do *establishment* no espaço público.

Palavras-chave: Partidos políticos antiestablishment; Populismo; Captura do estado.

Abstract: In our article, we address the rising phenomenon of new political parties of anti-establishment appeal in Central Europe post 1989, phenomenon that has also been addressed in the European political literature as a new populist time. We begin by addressing the political and social contextualization responsible for the electoral success of these new party organizations. Next, we approach what has been discussed and understood by populism

by scholars in the current Central European context and what we interpret on the subject as a phenomenon and as a corresponding political strategies. Finally, we carried out a study case on the first of the most successful new anti-establishment political parties in the Czech Republic, the Public Affairs (Veci Verjené). The result of our studies has led us to conclude that populism, as a phenomenon, in central Europe is not configured, and the region is characterized today by a conservative reaction of the new center-right groups unhappy with the management of the establishment in public space.

Keywords: Antiestablishment political parties; Populism; State capture.

Crise de hegemonia e contextualização geral do problema centro-europeu

O ideal democrático é o mais poderoso e antigo inimigo das forças e potências particularizantes da vida pública e coletiva. Mesmo aqueles que desejam governar com um mínimo de democracia e não possuem a força das armas ou transferiram toda sua violência para as batalhas no campo da política e do monetarismo econômico, necessitam se apropriar de sua bandeira se quiserem ver legitimada sua ascensão ao poder, lugar onde terão condições de expropriar legalmente as características da democracia que mais lhe incomodam. Da mesma forma fazem aqueles que lutam por seus ideais, fazendo da política o campo de lutas pela reabilitação da democracia e sua ampliação:

A democracia não é uma forma de Estado. Ela está sempre aquém e além dessas formas. Aquém, como fundamento igualitário necessário e necessariamente esquecido do Estado oligárquico. Além, como atividade pública que contraria a tendência de todo Estado de monopolizar e despolarizar a esfera comum. (RANCIÈRE, 2014, p. 92).

Estudar jovens democracias também faz parte dessa difícil, porém rica, tarefa de luta para a construção de governos inclusivos e cada vez menos oligárquicos, os quais de tempos em tempos reorganizam as estruturas de dominação política para avançar e reconfigurar o espaço público (RANCIÈRE, 2014). Acreditamos que é justamente esse o momento que vivem as jovens democracias do final do século XX, tanto da Europa Central como as da América Latina. O quadro de semelhanças é muito grande: transição de regimes autoritários para regimes representativos pluripartidários, reformas políticas e transição para uma economia de mercado sob o crivo do neoliberalismo, crescente desilusão política, envelhecimento e ossificação dos

grandes partidos¹, despolitização do espaço público, graves problemas de corrupção, direção das energias para satisfações pessoais e felicidade privada, e novas investidas de redução do espaço público².

No geral, o empreendimento político democrático liberal nos países de ambas as regiões não fugiu aos modelos hegemônicos do século XX que imperaram nas antigas democracias do ocidente, cuja solução no pós-guerra se pautou pelo o abandono do papel da mobilização social e da ação coletiva na construção democrática, assumindo uma solução elitista para o debate com supervalorização do papel dos mecanismos de representação sem que estes necessariamente fossem combinados com mecanismos societários de participação (SANTOS; AVRITZER, 2002). O resultado, segundo Boaventura de Souza Santos e Avritzer (SANTOS; AVRITZER, 2002), se acompanhou de uma crise que desembocou na instauração de uma patologia da participação, relacionada à ocorrência de um dramático abstencionismo e uma patologia da representação, onde os cidadãos se consideravam cada vez menos representados por aqueles que elegeram.

Assiste-se, então, mais uma grande crise do modelo de democracia representativa liberal. Crise que é fruto da instabilidade decorrente da apropriação liberal de um sentimento, cujo objeto desde seu início lhe era estranho e indesejado, a saber: a democracia (HIRSCHMAN, 1992). O modelo liberal aos poucos foi se desnudando de seu projeto real: um pacífico Estado de Direito Oligárquico que deixa algum espaço para que elementos democráticos se movam internamente (RANCIÈRE, 2014).

Nos últimos quinze anos, um certo número de países europeus vem testemunhando uma crescente onda de apoio a novas organizações partidárias que desafiam ferozmente em seus discursos os partidos políticos tradicionais, através de um forte apelo discursivo de caráter *antiestablishment*. A Itália, após o sucesso do *Movimento 5 Stelle* (Movimento 5 Estrelas), liderado pelo ator e político Giuseppe Grillo, figura como o epicentro de ascensão dessa nova organização política entre os países do ocidente europeu, sendo acompanhado em seguida por partidos como o Syriza³ (Grécia), UKIP (Reino Unido) e

1 Um ótimo comentário sobre esse ponto foi feito por Jairo Nicolau, acerca das manifestações populares de 2013. Ver: Nicolau (2013).

2 Nos referimos aqui sobre as recentes discussões sobre reforma do sistema previdenciário, reformas dos programas de assistência social, redução dos direitos trabalhistas, privatização do ensino superior.

3 Em 2004 o Syriza se apresentava como uma coligação entre 13 partidos de esquerda, sendo apenas em 2012 que se apresenta como uma unidade política unificada.

mais recentemente o Podemos (Espanha). Se por um lado os *antiestablishment* aparecem como uma novidade no ocidente, no velho lado oriental, que outrora fizera parte da “cortina de ferro”, tais organizações já são uma realidade que avança consideravelmente desde o início do novo século, podendo ser facilmente observadas em países como: Hungria, República Tcheca, Polônia e Eslováquia, sendo esta última, de acordo com Skolkay (2000), o país berço desse fenômeno na Europa Central, onde também vem recebendo um tratamento acadêmico que o relaciona com um fenômeno de populismo. Nessa região, novos partidos alinhados ao centro e centro-direita vêm se caracterizando por mesclar em seus estatutos, discursos e programas políticos elementos estratégicos de mobilização populista e apelo *antiestablishment*, e vem desfrutando de grande prestígio popular e ocupando a cada eleição parlamentar mais espaços que antes pertenciam aos partidos políticos tradicionais.

Em nossa investigação do fenômeno, partimos de uma hipótese que relaciona a ascensão dos novos partidos de centro-direita de apelo *antiestablishment* e suas lideranças, classificadas por muitos como populistas, com a falência das capacidades dos partidos políticos tradicionais (também tratados como herdeiros da democratização de 1989) em atender os apelos de seu eleitorado. Falência que é atestada pela presença de poderosos atores econômicos que se tornaram capazes de modelar o ambiente institucional, através da captura de partidos políticos e servidores públicos em um fenômeno conhecido por captura do estado⁴ (HELLMAN; JONES; KAUFMANN, 2000). Com recursos eleitorais escassos, os partidos políticos optaram pelas demandas de seus patrocinadores e se afastaram dos cidadãos. Os escândalos de corrupção, presentes quase que diariamente nas manchetes europeias, reforçaram o afastamento do eleitor e afrouxaram seus laços de ligação com seu partido preferido, abrindo também o período de desilusão política. A desilusão política, por sua vez, passou a desafiar a capacidade democrática dos partidos herdeiros de 1989 que, com a continuidade dos escândalos nos jornais, passaram a fomentar o sentimento anti-partido e inauguraram uma crise

⁴ A Captura do Estado (HELLMAN; JONES; KAUFMANN, 2000) é uma bem organizada atividade institucionalizada que faz uso tanto do funcionamento já existente das instituições estatais legítimas, mas que também se utiliza de mudanças legais para alterar o desenho institucional das mesmas, de forma que estas passem a servir melhor os interesses de seus captores. É caracterizada pelo considerável ganho de controle sobre o Estado por (novos e) poderosos atores econômicos privados que utilizam de sua prática para fins de extração de vantagens próprias. Da mesma maneira que as demais formas de corrupção, a captura do estado é um método para aumentar os ganhos privados. De acordo com Garay Salamanca (2008), o objetivo final da captura do Estado pelos agentes privados é promover a Reconfiguração Cooptada do Estado, em outras palavras, a transformação da máquina pública num instrumento de defesa dos interesses dos poderosos agentes privados que passam a dominá-la.

de hegemonia, a qual vem se confirmando com o cada vez mais decrescente número de eleitores presentes nas urnas⁵.

Nossa hipótese pode ser confirmada em Barbosa (2016), onde foi publicado uma série de dados⁶, que nos permitem entender os fatores que levaram à emergência desses novos partidos políticos e suas lideranças. Concluímos que tal fenômeno nunca encontraria lugar para crescimento sem um profundo sentimento de desilusão política com as elites dirigentes e herdeiras da democratização de 1989, agravada pelo envolvimento destas com atividades corruptas e ilícitas de captura do estado.

Logo nos primeiros anos pós-autoritarismo, as elites já teriam mostrado sua incapacidade de ouvir as massas na condução dos negócios públicos mais importantes dos países. A crise dos partidos herdeiros de 1989 começou a ser sentida no cada vez mais agravante e decrescente número de cidadãos que participavam das eleições (BARBOSA, 2016). O envolvimento dos principais partidos políticos em esquemas de corrupção e captura do estado começou a implodir de vez a crença nas organizações partidárias pós 1989. Com a população desiludida, a maioria dos políticos passaram a ser percebidos como atores públicos corruptos com baixa moralidade. A política passou a ser vista como o lugar por excelência das atividades de lobistas e grupos de interesses, onde desejos políticos e sociais se realizam com práticas de suborno e corrupção. No mesmo ambiente político, os problemas mais sérios são ocultados dos cidadãos, e quando emergem em escândalos, por exemplo, nada acontece. Os cidadãos passaram a enxergar a si próprios como um elemento indiferente para as lideranças políticas, só acreditando que merecem um lugar de importância no ano eleitoral. Com efeito, esse mesmo cidadão politicamente fadado se vê incapaz de optar por alguma corrente política fundamental representada nos partidos estabelecidos e vê com indiferença

5 Um tratamento mais específico pode ser conferido em: Barbosa (2016). O Teatro das Representações Trocadas. Corrupção, Ascensão Antiestablishment e o Partido-empresa de Negócios na Europa Central Pós-1989. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Juiz de Fora.

6 Nossa análise contou com dados extraídos dos boletins da Volební Studie (VOLBY, 2017 – Eleições Nacionais Tchecas) e do *Centrum pro výzkum veřejného mínění* (Centro de Pesquisas de Opinião Pública – CVVM, 2017). Todos os surveys possuem em seus relatórios, para fins de análise e comparação, os dados da mesma pesquisa realizada nos dois anos anteriores. Seleccionamos para nossa pesquisa, *surveys* que se ocuparam de tratar a relação de confiança entre cidadãos e instituições políticas, eleitores e representantes políticos. Da segunda instituição citada, também utilizamos dados estatísticos sobre identificação ideológica do eleitorado, grau de interesse político dos cidadãos em assuntos públicos, grau de interesse político dos representantes na opinião pública, escolaridade dos representantes, percepções e avaliações sobre o desempenho e satisfação com as instituições, partidos políticos e representantes. *Surveys* que abordam a percepção da corrupção e da presença da mesma nos partidos políticos trabalhados conjuntamente com pesquisas sobre a percepção dos problemas mais urgentes; as relações de força ou fraqueza entre eleitores e partidos políticos; as razões de escolha partidária, a crença nos partidos, e a crença na importância de si para o processo decisório; bem como sobre a percepção de convergência entre os partidos políticos e a autopercepção no espectro da clivagem direita-esquerda.

as clivagens ideológicas. Ele se afasta de atividades cívicas como filiação partidária, a qual nem mais passa pela sua cabeça. Esse afastamento da participação, por sua vez, o converte em um eleitor descontente pronto para penalizar seu(s) partidos(s) de antiga preferência, votando em um novo partido – por motivos de aposta em algo novo ou simplesmente em algo que o incomode menos – ou não comparecendo as urnas, abrindo também espaço para que eleitores mornos e de opiniões efêmeras passem também a fazer diferença no pleito (BARBOSA, 2016).

A ascensão dos *antiestablishment* na Europa Central pós 1989 pode ser entendida de muitas maneiras, sendo a interpretação dominante aquela que associa tal fenômeno como uma nova onda do populismo no mundo político europeu. No entanto, o núcleo comum figura como uma manifestação da expressão de desconexão que os eleitores sentem em relação aos partidos políticos tradicionais (BARBOSA, 2016). Os novos partidos se originaram de maneira extraparlamentar, a partir das margens sociais com seus membros e lideranças políticas preocupadas com transparência e prestação de contas e o empoderamento do cidadão na democracia devido a desconexão generalizada entre os governantes e governados:

Nesse ponto de vista, mais eloquentemente expressado pelo falecido Peter Mair, a crise da democracia representativa deve realmente ser entendida em termos de um longo declínio na política tradicional do partido. Como os partidos se retiraram da sociedade civil e tornaram-se entrelaçados com o Estado, eles deixaram os mercados eleitorais cada vez mais voláteis, alimentando o surgimento de novos partidos muitas vezes de curta duração. (HANLEY; SIKK, 2014, p. 4).

Nas próximas linhas, questionaremos a classificação da atual conjuntura política na Europa Central como populista. Para isso, apresentamos uma compreensão sobre o fenômeno e um entendimento sobre suas técnicas e estratégias de mobilização. O que entendemos do populismo enquanto fenômeno é o resultado de suas políticas em realizações práticas, as quais se traduzem na inclusão de questões sociais mais urgentes de estratos e vozes excluídas, até então, da agenda política. Sobre suas técnicas políticas, entendemos os constructos e artefatos presentes na lógica política populista (LACLAU, 2005) para fins de mobilização social, as quais, no entanto, podem funcionar como ferramentas políticas para uso de qualquer partido em competição com outro(s), sem necessariamente constituir um fator de caracterização deste como populista.

Populismo e o debate na Europa Central

Nos países latino-americanos, os estudos sobre o populismo tiveram início com as chamadas teorias da modernização⁷. Essa escola abordou o fenômeno como uma característica da política empreendida nos países dessa região durante seu processo de urbanização e industrialização, iniciado ainda na primeira metade do século XX. O resultado de tais estudos foi a produção de um ponto de vista que descreveu o populismo como o governo de um hábil demagogo, encarnado na figura de um líder carismático que manipula as massas para obter seu apoio e votos. A massa da população, por sua vez, é colocada sob um estado amorfo que a toma como incapaz de adquirir consciência de classe, permanecendo em um estágio de fragilidade e fácil dominação pelas retóricas populistas. Com efeito, o conceito de populismo passou a ter seu uso abusado no discurso político e, “[...] de uma forma geral, ao chamar alguém de ‘populista’, as pessoas estão apenas expressando uma avaliação negativa sobre um determinado ator ou agenda política.” (SCHMITTER, 2006, p. 1). Em resumo, produziu-se uma estereotipação do populismo com apenas um significado que o atrela a um regime de falseamento da verdade.

Se o populismo se tornou uma difícil tarefa de conceitualização, em parte foi porque houve hegemonia dessa corrente de interpretação promovida pelas teorias da modernização, que o generalizaram sob um ângulo de apropriação de elites competidoras entre si. Se por um lado construía-se um entendimento negativamente estereotipado do fenômeno, atrelado a uma estratégia demagógica e de dominação, por outro eram esquecidas as suas características intrinsecamente democráticas que remetem a inclusão dos desejos dos excluídos em seus resultados políticos. Tal esquecimento, com efeito, fez com que o olhar clínico de muitos analistas produzisse, no fim, uma abordagem conservadora sobre o assunto:

Populismo é o nome cômodo com que se dissimula a contradição entre legitimidade popular e científica, a dificuldade do governo da ciência para aceitar as manifestações da democracia e mesmo a forma mista do governo representativo. Esse nome mascara e ao mesmo tempo revela a grande aspiração da oligarquia: governar sem povo, isto é, sem divisão do povo, governar sem política. (RANCIÈRE, 2014, p. 102).

⁷ Citamos: Francisco Weffort (1978), Octávio Ianni (1975) e Gino Germani (1966) apud Ferreira (2001).

Dessa forma, atacar as características democráticas mais intrínsecas do populismo, nessa interpretação conservadora, implicava evitar para as elites um problema maior: “O populismo não só tem sido degradado, mas também denegrido. Seu rechaço tem sido parte da construção discursiva de certa normalidade, de um universo político asséptico do qual sua lógica perigosa teria que ser excluída”⁸.

Com efeito, evitar as características democráticas do populismo implica na manutenção de um projeto político que retire as massas da política, substituindo-as por governos cada vez mais compostos por técnicos e gestores teoricamente competentes, uma vez que “[...] trocar a política pela administração tem sido sempre a ideologia conservadora das elites econômicas da América Latina” (LACLAU, 2013).

Ernesto Laclau (2005) forneceu uma das mais influentes interpretações atuais sobre o fenômeno do populismo, através de um viés que o liga à ideologia de um movimento que une demandas populares e cria uma identidade coletiva. A proposta do autor se mostra radicalmente contrária às visões mais difundidas sobre o fenômeno, sobretudo aquela construída através das teorias da modernização. O populismo, em Laclau, é um fenômeno político de mobilização das massas, não sendo apenas uma estratégia política exclusiva de forças conservadoras que tomaram para si a tarefa de reorganização da dominação do espaço público. Trata-se também de um fenômeno diretamente relacionado com forças políticas democráticas e progressistas.

Laclau (2013) entende que o populismo é uma forma de construção da política, sem um conteúdo ideológico específico, podendo se posicionar tanto a direita quanto à esquerda dos espectros, envolvendo uma gama de movimentos políticos heterogêneos⁹. Prossegue o autor observando que o populismo ocorre sempre que o povo se reúne em torno de demandas não atendidas “[...] que podem ser completamente diferentes e circunstanciais, mas que passam a ter uma conexão entre si por terem sido “abandonadas” pelo governo, e passa a confrontar o poder constituído” (LACLAU, 2014). Com efeito, dá-se uma ruptura no sistema que coloca em oposição o povo às instituições formais, associadas com as elites e demais forças conservadoras.

⁸ Entrevista com Ernesto Laclau (2013).

⁹ Ainda sobre populismo de esquerda e populismo de direita, ver também a entrevista de Chantal Mouffe (2014) em: *The European*; e Mendonça (2014) em: *O Populismo como Vontade de Democracia*.

Laclau (2005) entende o populismo como um fenômeno dotado de uma lógica política (com acento schmittiano, observamos) que se expressa através de uma relação antagônica entre o povo e seu inimigo. De acordo com o autor, povo e inimigo são construções discursivas e dinâmicas, uma vez que variam de acordo com diferentes experiências políticas. Dessa forma, “[...] pode-se dizer que a divisão antagônica entre o povo e o bloco de poder é a característica central e definidora de um fenômeno populista.” (MENDONÇA, 2014, p. 56).

A pré-condição para a eclosão do populismo se realiza através de condições que vão permear as demandas populares, as quais variam entre simples solicitações e reivindicações. O não atendimento das demandas desencadeia uma frustração. A frustração é o não atendimento de solicitações que podem ser realizadas através de canais institucionais formais. Com o acúmulo de frustrações, estas passam, então, a se articular entre si e geram as reivindicações. Com efeito, realiza-se um corte antagônico que passa a dividir negativamente a esfera social, colocando de um lado as demandas populares e do outro a institucionalidade. Dessa forma, cria-se uma identidade entre os sem poder *versus* o poder. Aqui se formam as construções discursivas *antiestablishment* contra o *establishment* (nós *versus* eles). Assim, entende-se que o apelo *antiestablishment* é um subproduto, uma ferramenta dentro da lógica política populista, não sendo por si só suficiente para determinar toda a ocorrência de um fenômeno político.

Vistas as pré-condições para a eclosão do levante populista, resta adicionar a este o elemento do campo popular, o qual constitui o seu próprio elemento de representação, onde

[...] tal processo tem lugar quando uma das demandas articuladas, num dado momento precário e contingente, passa a representar a cadeia de equivalências popular – que evidentemente a excede em sentidos – e exerce, assim, uma tarefa hegemônica. (MENDONÇA, 2014, p. 59).

É nesse ponto que, de acordo com Laclau (2005) e Mendonça (2014), ocorre a construção de uma subjetividade popular que se realiza somente sobre as bases da produção de significantes tendencialmente vazios, os quais acabarão por

[...] homogeneizar um espaço social extremamente heterogêneo, que considera a articulação de demandas insatisfeitas que, antes do processo articulatório, não tinham

qualquer relação entre si, pois estavam isoladas em suas particularidades. (MENDONÇA, 2014, p. 59).

Para Laclau (2005, p. 40 apud MENDONÇA, 2014, p. 59), “[...] em sua expressão mais extrema, este processo chega a um ponto em que a função homogeneizante é levada a efeito por um nome próprio: o nome do líder”.

O momento de chegada do populismo ao poder corresponde então, para Laclau, ao ápice do antagonismo entre esses dois campos representados pelas demandas populares contra a institucionalidade:

Daí, o embate entre populismo e institucionalismo. No primeiro, o movimento é de ascensão das massas excluídas a partir de mudanças sociais e, no segundo, é de bloqueio das transformações a partir da manutenção das estruturas institucionais até então vigentes. (LACLAU, 2014).

Na visão de Ernesto Laclau, a ação do populismo (especialmente na análise do autor sobre o populismo de esquerda na América Latina) é positiva, pois [...] “representa uma forma de assegurar a participação da população nas decisões políticas, fortalecendo a democracia e impede que esta seja reduzida a um sistema administrativo tecnocrático influenciado por interesses econômicos.” (LACLAU, 2014).

Outra definição recente, e não menos influente que aquela de Laclau, nos estudos sobre o populismo na Europa e Europa Central, tem sido sugerida por Cas Mudde (2013)¹⁰ em seus estudos sobre os novos partidos populistas europeus (de centro e direita). O autor define o populismo desses partidos como uma ideologia, sobretudo, afiliada ao centro (*thin-centred*) que trata a sociedade separada em dois grupos homogêneos e antagônicos, composto de um lado pelas “pessoas puras”, defensoras da vontade geral do povo *versus* o outro lado composto pela “elite corrupta”. Ideologias centro-afiliadas são caracterizadas pela ausência (vazio) de respostas às principais questões políticas e sociais. Para nós, o vazio ou indefinição ideológica trata de tornar o discurso do partido político compatível com outros sistemas de crenças dentro da bifurcação esquerda/direita, alinhando-se de acordo com o ânimo da população. Como nas palavras de Mudde e Kaltwasser (2011, p. 2): “As características ideológicas atribuídas ao populismo dependerão do contexto

¹⁰Ver: Mudde (2007, 2013) e Mudde e Kaltwasser (2011).

sócio-político em que o populista busca mobilizar os atores”. Dessa forma, Mudde e Kaltwasser (2011) e Mudde (2013), entendem o populismo como uma estratégia de mobilização política.

Deegan-Krause e Haughton (2009), dois importantes estudiosos da política na Europa Central pós-comunista, oferecem uma argumentação moderada sobre o populismo, entendendo-o como característica de um tipo de argumento político (os autores argumentam contra sua identificação como uma identidade de atores políticos). Segundo esses autores, tal abordagem deixa de avaliar se um partido é populista ou não, e passa para uma questão de grau, onde um partido é avaliado por possuir mais e menos traços e características populistas. Dessa maneira, o grau de populismo que um determinado ator político emprega está livre para variar de acordo com os contextos políticos ao longo do tempo, algo que não ocorre com a mesma flexibilidade quando o político assume posições ideológicas explícitas e precisa lidar com a coerência do discurso tendo em vista manter sua credibilidade e seu eleitorado. No entanto, observamos que apesar da boa sugestão, a qual também não deixa de abordar o populismo como uma estratégia ou ferramenta, os autores não desenvolveram uma definição de populismo ou um conjunto de atribuições características para serem mensuradas.

Embora não sendo um trabalho especificamente sobre populismo, “O Estilo Paranoico na Política Americana”, de Richard Hofstadter (1964), é frequentemente citado nos trabalhos que se encarregam da abordagem do populismo na Europa Central. Hofstadter define o estilo paranoico como: “[...] um ‘modo de expressão’ ou ‘retórica’, que se caracteriza pelo exagero e desconfiança em um ambiente conspiratório e apocalíptico.” (HOFSTADTER, 1964, p. 1). Trata-se da construção de uma trama onde o que está em jogo e precisa ser identificado pelos cidadãos é uma iminente ameaça que visa tomar o controle da sociedade (a América, para Hofstadter) e mudar seus valores tradicionais mais fundamentais. Não fugindo às demais construções discursivas, faz-se necessário a identificação de quem são os “inimigos” (da América) para então ser possível uma configuração e estratégia de mobilização, combate e defesa.

A abordagem de Skolkay (2000), sobre o ressurgimento do populismo, fornece uma boa sintetização da interpretação hegemônica sobre o que observamos nos estudos sobre o fenômeno na Europa Central:

O populismo é uma forma de retórica política fortemente antagônica que simplifica extremos e oferece na maioria das vezes soluções vagas. O político populista apresenta-se como um homem comum que entende as pessoas, em contraste com as elites corruptas, incapazes e/ou impróprias para governar. Ele diz representar todos os não-privilegiados ou desfavorecidos, sub-representados, ou qualquer outro grupo relativamente grande e vagamente definido. (SKOLKAY, 2000, p. 2).

De acordo com essa corrente de estudiosos, a força motriz da política populista na Europa Central reside na fraqueza das instituições democráticas. O populismo, na região, é visto como um fenômeno que emerge sempre atrelado aos tempos de profundas crises de hegemonia, onde sua capacidade para galvanizar novas formas de engajamento político se eleva especialmente nas formas de movimentos sociais de massa e organizações partidárias. As razões para o sucesso de mobilização são apontadas para um momento de grande insatisfação e desilusão, onde as pessoas tendem a ser impacientes, ansiosas e intolerantes, ficando sensíveis a soluções extremas e que pregam soluções aparentemente rápidas e fáceis para a retomada da “normalidade”. Nesse sentido, políticas populistas têm surgido na região como uma estratégia para que os políticos sinalizem aos eleitores que suas políticas futuras estarão de acordo com os interesses gerais da população. Em relação ao campo ideológico, o populismo emergente nos países do antigo bloco soviético rejeitando todas as ideologias existentes, tendo-as como insuficientes para com uma sociedade particular, apresentando sua proposta através de um “novo” caminho, uma “nova política” e demais argumentos que serão utilizados em detrimento do “velho modo” o qual precisa sair de cena (BARBOSA, 2016).

Essa abordagem do fenômeno acaba por fornecer uma interpretação negativa e instrumental do populismo enquanto fenômeno, generalizando-o através de sua vertente instrumental que o toma como um método (ou estratégia) para se ganhar eleições nos momentos de crise e desencantamento com os partidos tradicionais, não garantindo ou significando que os eleitos governarão diferentemente daqueles que acusam de serem responsáveis pelo mal-estar econômico-social. Assim, uma eficaz estratégia política dos novos partidos emergentes e atrelados ao populismo, na interpretação desses autores, reside na promessa de implementação de políticas que beneficiam uma fração significativa da população, mas que, no fim, prejudicam os interesses econômicos dessa

mesma fração. No geral, esses autores entendem que o plano de um político populista muitas vezes se revela na prática do utilitarismo, do oportunismo, do ecletismo, e, no final, a um estilo mais ou menos autoritário do poder.

No nosso entendimento, as interpretações levadas a cabo por tal corrente de autores, mais uma vez, toma o populismo como uma política de caráter oportunista, que faz desses partidos políticos uma estratégica *metamorfose ambulante*, atuando num estilo quase cômico, como daquela velha produção dos estúdios Hanna & Barbera representado no(a) (síndrome do) *Leão da Montanha*, o qual, quando em apuros, buscava extrair suas soluções através de uma “saída pela direita” ou “saída pela esquerda”. O maior problema que encontramos na literatura centro-europeia é que, muitas abordagens, perceptivelmente seguindo os cânones das teorias da modernização latino-americana, acabaram caindo em uma malha conservadora, mesmo sem parecer ter tido qualquer intenção. Isso ocorre pelo excesso de generalização na abordagem do fenômeno do populismo, tomando todos os partidos e suas clivagens com apelos populares como seus iguais e “populistas”.

Seguindo uma linha parecida com a de Ernesto Laclau, ao apresentar uma abordagem contrária à visão negativa do populismo na Europa Central, uma outra vertente de seus estudiosos enxerga uma benigna capacitação que tal fenômeno possui para gerar consequências positivas para uma governabilidade democrática. Esses autores enxergam a recente onda populista como uma “sombra da democracia liberal” (JANSEN, 2011; CANOVAN, 2002; URBINATI, 2014), ou um “espectro que ronda a Europa” (SMILNOV; KRASTEV, 2008). O argumento principal dessa corrente reside no fato de que, ao se apoiar em políticas de inclusão que ampliam a participação democrática de grupos anteriormente marginalizados, a nova onda do populismo exerce pressão nos movimentos e partidos políticos concorrentes para que façam o mesmo¹¹. A questão comum levantada por essa corrente visa saber se o populismo recente deve continuar sendo visto como uma ameaça ou um fenômeno corretivo para a democracia.

Uma primeira definição fornecida por essa corrente nos é dada por Nadia Urbinati (2014). Para a autora, o populismo é uma estratégia que reequilibra a distribuição do poder político entre os grupos sociais tradicionais e os emergentes. A tensão entre “nós”

11 Ver: Gidron e Bonikowski (2014), os quais fazem referência à América Latina; Mudde e Kaltwasser (2011), para uma referência da Europa ocidental; enquanto Smilnov e Krastev (2008), Krastev (2007), Rupnik (2007) e Skolkay (2000) fazem referência à Europa Central.

versus “eles” – trabalhada pela autora através da tensão populismo *versus* democracia liberal – decorre da maneira em que estas duas forças políticas percebem a relação entre o povo (sustentado no argumento da *vontade geral*) e as instituições representativas. Assim, a autora ressalta que, para os populistas, a principal tarefa das instituições políticas não é servir como sistemas de *checks and balances* ou como protetores dos direitos civis, mas antes como ferramentas instrumentais para traduzir a vontade da maioria em decisões políticas¹². Para Margaret Canovan, a ideologia populista apresenta em seu discurso “uma reivindicação de legitimidade que repousa sobre a ideologia democrática da soberania popular e no governo da maioria”, isto é, um retorno a uma “[...] ‘verdadeira’ democracia, liderada pelo ‘povo’ e não pelas elites políticas profissionais.” (CANOVAN, 2002, p. 25 apud GIDRON; BONIKOWSKI, 2013, p. 19).

Jansen (2011) argumenta que, em vez de considerar o populismo como ideologia, devemos abordá-lo como um projeto político. O autor estabelece sua definição através da mobilização e do discurso, definindo como mobilização populista:

[...] qualquer projeto sustentado, em grande escala política, que mobiliza normalmente os setores sociais marginalizados em ação política publicamente visível e controversa, ao mesmo tempo em que se articula uma retórica nacionalista anti-elite que valoriza as pessoas comuns. (JANSEN, 2011, p. 82).

Para esse autor, o discurso populista “postula a unidade social natural e inerentemente virtuosa de um ‘povo’” (JANSEN, 2011, p. 84). As pessoas comuns vão então figurar em uma relação antagônica com uma “elite antipopular”.

Formulamos nossa análise do populismo, tomando o fenômeno conforme visto em Laclau (2005) e Mendonça (2014). Isso equivale a dizer que, para nós, o populismo é político e, por ser político, possui uma *lógica* e razão própria, o que equivale a ressaltar que a política é algo que, para além de sua construção discursiva, deve ser analisada em suas realizações práticas quando em seu exercício no poder. Dessa forma, queremos evitar que partidos com características populistas com posicionamentos fora do eixo de centro acabem recebendo o mesmo tratamento negativo que os atuais e bem-sucedidos partidos populistas conservadores de centro-direita. Nossa observação é que os estudiosos – salvo algumas exceções – do fenômeno na Europa Central devem

¹² Ver: Urbinati (2014). Ver também da mesma autora: Urbinati (1998).

precisar a categoria, especificando qual o tipo de populismo com que estão lidando e a referência ao partido ou grupos de partidos políticos sob análise (populismo de direita, populismo de centro, populismo de esquerda, etc.).

Para nós, o populismo como estratégia é entendido como um conjunto de práticas de mobilização política que se expressam numa relação direta entre o povo, que ocupa o centro de sua ação política, e um líder carismático que representa um movimento de apelo popular, sem a intermediação ou participação dos partidos políticos tradicionais (exclusão), uma vez que estes são entendidos em conjunto com a elite hegemônica como inimigos do povo e apontados como meios instrumentalizados e, portanto, compromissados com os interesses das elites dominantes que visam a manutenção de sua dominação em um contexto de crise de hegemonia dessas classes.

Entendemos que o populismo, enquanto fenômeno emerge sempre, ou tem sempre emergido, em um contexto de *democratismo* que acompanha os avanços nas sociedades que as tornam mais complexas. A complexidade, por sua vez, se traduz na inclusão, atendimento e aumento das demandas populares e impõe à elite hegemônica a tarefa de reconfigurar a dominação dentro do estado (RANCIÈRE, 2014). A elite, então, pode se encontrar em um estado incapacitado para reorganizar a dominação ou mesmo proceder a uma total recusa de negociação com os valores democráticos causando uma série de frustrações na população. Com efeito, instala-se uma crise aguda que leva a capitulação da elite e sua substituição por outra elite disposta e capaz de ceder e negociar espaços com a democratização e, assim, reorganizar a dominação.

Os novos partidos políticos e suas características discursivas

O fenômeno de ascensão *antiestablishment* não traz consigo um novo modelo de partido político. Trata-se de um apelo, uma postura crítica e reformista na qual esses novos partidos se apresentam aos eleitores e se colocam diante dos partidos políticos tradicionais. Esse tipo de apelo vem sendo utilizado em novas organizações de direita, centro e esquerda, se diferenciando de seus “veteranos” pela crítica que fazem destes. Os *antiestablishment* que alcançaram sucesso eleitoral, na política europeia dos últimos anos, não apresentaram ideias radicalmente novas quando passaram a ocupar postos de poder, confinando suas habilidades em apenas captar a forte insatisfação pública com

aspectos do *status quo* inadequadamente tratadas pelos partidos políticos tradicionais e dominantes no cenário político (WIGMORE, 2014 ; BARBOSA 2016). Tanto no lado ocidental, como no oriental, as organizações partidárias *antiestablishment* se assemelham aos modelos *catch-all*: são frouxamente organizadas, compostas em sua maioria de técnicos experientes e dão pouca importância à filiação partidária. A novidade genuína dos *antiestablishment* (europeus), ressaltada por Hanley e Sikk (2014), figura no fato de que são unidades políticas não sucessoras de nenhum partido parlamentar anterior, têm novos nomes e (geralmente) são organizadas sem nenhuma figura importante da política democrática do passado entre seus principais membros.

De uma forma geral, pode-se enumerar as seguintes características principais dessas novas organizações político-partidárias: 1) Discurso da Nova Política: através de ferozes exigências quanto à mudança da forma como a política é conduzida; 2) Personalidade: exercida na forma como lideranças carismáticas se apresentam aos eleitores, se denominando cidadãos descontentes ou políticos “anti-políticos”; 3) Foco discursivo no combate à corrupção: prometendo combater as práticas de corrupção e renovar a política, combinando políticas sociais e econômicas moderadas; 4) Democracia direta: presentes nas promessas de capacitação dos cidadãos para o exercício da democracia direta. De forma que o campo político fica bipolarizado da seguinte forma (Quadro 1):

Uma segunda característica de fácil identificação para qualquer organização política de apelo *antiestablishment* reside na recusa desta em se definir ou se omitir em termos de partido político¹³, se apresentando como expressões de movimentos sociais e populares, mesmo quando esta não possui qualquer base popular (BARBOSA, 2016). Esses dois fatores de recusa são os responsáveis por fazer com que os *antiestablishment* não apresentem denominações de “partido” na companhia de algum posicionamento ideológico (ex: Partido Liberal, Partido Socialista). O povo colocado acima de qualquer ideologia também figura como um dos argumentos de defesa pela recusa em assumir qualquer posição ideologicamente explícita em nome do partido.

A escolha dos nomes apresenta claramente a rejeição dos modelos clássicos de oposição entre direita e esquerda (liberais, socialistas, comunistas ou alguma versão nacionalizada de ambos). Se o partido – assim como os movimentos sociais que atuam na sociedade civil

13 Salvo os casos em que a denominação “partido” aparece nos subtítulos dos estatutos partidários.

Quadro 1. Principais Elementos do Discurso Antiestablishment.

Establishment	Antiestablishment
Inimigos Mentira Traição Usurpação Corrupção Estagnação Velharia Auto-interesse Ideologias Direita/Esquerda Arcaísmo Área de Perigo Contaminação Contágio	Amigos Cidadãos Iguais Não-políticos Pureza Nova Política Povo acima das Ideologias Democracia Direta

Fonte: Extraído de Barbosa (2016).

como grupos de apoio às chamadas lideranças populistas – se enquadra entre as opiniões extremistas, este mantém pelo menos o caráter nacionalista em sua sigla; do contrário, ele opta por nomes simples, com alto e rápido poder de identificação e absorção, sem se posicionar abertamente em algum contexto ideológico e trabalhando dentro daquilo que identificamos como a *dimensão da leveza*¹⁴. São exemplos que encontramos nos principais partidos novos da região, como no eslovaco: Smer (Direção). Na Hungria, do *Fidesz – Magyar Polgári Szövetség* – Aliança Jovem democrata. Partido Cívico Húngaro (*Fidesz* é a abreviação de *Fiatal Demokraták Szövetsége*: Aliança Jovem Democrata). Na Bulgária, onde o ex-rei do país, Simeon Saxe-Coburg-Gotha, fundou em abril de 2001 o partido político *Natsionalno dvizhenie Simeon II* (Movimento Nacional Simeon II, o qual passou a se chamar em 2007 por *Natsionalno dvizhenie za stabilnost i vazhod* – Movimento Nacional pelo Progresso e Estabilidade). No polonês: *Prawo i Sprawiedliwość - PiS* (Lei e Justiça). Nos partidos tchecos ANO2011 (Sim 2011), TOP09 (Tradice *Odpovednost Prosperita* – Tradição, Responsabilidade e Prosperidade), *W – Veci Verejné* (Assuntos Públicos) e *Úsvit primé demokracie* (Alvorecer da Democracia Direta).

No geral, os discursos dessas novas lideranças políticas apontam, como resultado das mazelas atuais, a total falência das elites em termos morais e políticos em conjunto com a corrupção econômica. O foco de suas campanhas eleitorais vem se dirigindo contra as elites da era de transição, em retóricas que pregam a total desconexão do Estado e o combate à corrupção. Em um dos principais argumentos contra o consenso liberal da era de transição, buscou-se atacar tal projeto como “[...] fadado ao fracasso por ser moralmente e politicamente falho.” (RUPNIK, 2007, p. 20).

¹⁴ Trata-se da maneira como tais partidos abordam uma versão mercadológica da dicotomia populista do “nós” versus “eles” em uma versão entre o “velho” versus o “novo” na política partidária, onde o elemento velho figura como um “produto gorduroso” pesado ideologicamente e carregado de negatividade, enquanto o novo se apresenta leve e saudável, no melhor estilo de um produto *light* encontrado em prateleiras de supermercado.

No caso da Polônia, a instrumentalização da questão política levada a cabo pelos gêmeos Jaroslaw Kaczynski e Lech Kaczynski¹⁵, ambos do *PiS*, se fez acompanhada de um *self service* de argumentos autoritários: para “[...] limpar a casa, expurgando a corrupção e os agentes comunistas, que precisamos de mais poderes em nossas mãos, e, portanto, devemos acabar com algumas restrições constitucionais e institucionais.” (RUPNIK, 2007, p. 22). Outro discurso construído originalmente na retórica de sucesso dos gêmeos poloneses buscou mesclar uma transição caracterizada pelo “pecado original” com a idéia de uma “revolução traída”. Os irmãos Kaczynski apresentaram em seus discursos uma trajetória da nova democracia polonesa que teria sido sequestrada pelas elites pós-comunistas, num ambiente conspiratório onde as instituições fundamentais da democracia parlamentar e da economia de mercado foram secretamente vendidas pelos ex-comunistas e seus antigos opositores. Afirmaram que a transição, negociada em 1989 entre ex-dissidentes e ex-comunistas, permitiu a imposição, pelos primeiros, de sua agenda liberal de “democracia procedural”, ao mesmo tempo em que os últimos se convertiam ao capitalismo e a livre iniciativa. Em nome de uma luta contra uma suposta rede de governos politicamente perigosos e corruptos durante os anos de transição, a Polônia dos irmãos Kaczynski recorreu a métodos autoritários, captura do estado e retórica nacionalista¹⁶.

Entre todas as ex-repúblicas do bloco soviético, a República Tcheca foi aquela que apresentou o mais bem sucedido caso de transição política, tendo também seu sistema eleitoral considerado o mais estável da região centro-europeia até as eleições de 2010 e as eleições antecipadas de 2013. Em cada um desses pleitos foi possível observar quedas bruscas nos números de eleitores participantes, queda de votos nos grandes partidos políticos e o sucesso meteórico dos *antiestablishment*, com cada eleição emplacando dois partidos novatos diretamente para o parlamento, como: o Assuntos Públicos (*WV – Veci Vrejne*) e TOP09, em 2010, e ANO2011 (Sim2011) e Alvorecer (ÚSVIT), em 2013¹⁷. Tais episódios foram chamados pela imprensa europeia de “terremoto político”, “terremoto eleitoral” ou simplesmente de “terremoto *antiestablishment*” (BARBOSA, 2016). Algumas características comuns que podem ser encontradas nesses novos e bem-sucedidos partidos é que nenhum deles articula qualquer interesse de algum

15 Lideranças políticas polonesas, tendo feito parte do partido Solidariedade, de Lech Walesa. Fundaram o partido político populista *PiS – Prawo i Sprawiedliwość* (Lei e Justiça) em 2001.

16 Para uma abordagem específica da conjuntura política polonesa, ver os trabalhos de Jacques Rupnik em nossa bibliografia.

17 Quadros e gráficos, assim como uma extensa pesquisa de opinião pública sobre a crise política na República Tcheca foram publicados em: Barbosa (2016).

grupo social ou regional. Com exceção do TOP09¹⁸, todos evitam qualquer rotulação ideológica em termos de direita-esquerda, embora um posicionamento de centro-direita seja encontrado em seus estatutos, e todos eles construíram algum tipo de orientação retórica instrumental populista anticorrupção marcada por um cenário antagonizado dentro da dicotomia “nós *versus* eles”. O tema da democracia direta também figurou como um ponto fundamental na campanha de alguns desses partidos, como foi o caso dos Assuntos Públicos (*WV – Veci Verejné*), em 2010, e do Alvorecer (*ÚSVIT*), em 2013.

Análise de caso: o partido político assuntos públicos (WV – Veci Verejné)

O núcleo central do discurso político do *WV* foi construído sobre o tema do combate à corrupção. As principais características de seu programa político apresentado ao público em 2010 foram: 1) a denúncia da corrupção presente nos principais partidos (elites) do país; 2) a promoção de mecanismos de democracia direta; 3) o discurso anti-partido e o apelo *antiestablishment*. Dessa forma, o antagonismo entre povo (nós) *versus* elite (eles), não seria possível sem a apresentação de uma elite decadente, corrompida e falida. De acordo com o programa eleitoral do Assuntos Públicos, o fim da corrupção estaria diretamente relacionado com o banimento do *establishment* e sua substituição por uma nova elite política, a qual poderia ser encontrada nos candidatos do Assuntos Públicos (*VECI VEREJNE*, 2010a). O discurso da promoção da democracia direta aparece como elemento fundamental para o controle dos políticos e a aplicação da real soberania popular. Os apelos anti-partidos e *antiestablishment*, figuram não apenas como os elementos de diferenciação com as elites do *establishment*, mas como a garantia “do novo” (nova elite, novas políticas) que não pede passagem, mas exige sua chegada¹⁹.

Um fato interessante é que o Assuntos Públicos em quase nenhum momento de seu programa eleitoral se apresenta ou define a si mesmo como um partido político. A única exceção presente se encontra na capa de seu programa político, onde logo abaixo do logotipo do Assuntos Públicos figura um subtítulo apresentando-o como o

18 O TOP09, em seu início liderado por Miroslav Kalousek e outros dissidentes do KDU-CSL (Partido Democrata Cristão), se apresentou como um “purificador” da política liberal conservadora de centro-direita na República Tcheca (HANLEY, 2013).

19 Ver: *Veci Verejní* (2010a). As fortes retóricas do programa eleitoral e, principalmente, nas campanhas, parecem colocar os cidadão contra a parede. Como em uma obrigação com a moralidade em uma relação entre iguais. Algo como: “se você é um cidadão de bem (ou do bem), então você tem a obrigação (moral) de votar em nossos candidatos, uma vez que, assim como os cidadãos, não tivemos nossos valores corrompidos”.

“Partido da Democracia Direta”. O mesmo é feito com relação a seus candidatos, sem referência destes como políticos. Tais características podem ser observadas logo no primeiro parágrafo da apresentação do partido em seu programa eleitoral:

O Assuntos Públicos visa mudar a atual cultura política promovendo um grande envolvimento dos cidadãos no processo decisório, com um grande uso de elementos da democracia direta. Quando um Assuntos Públicos entra no parlamento, significa que a futura direção de nossas políticas serão codecidas com você através do nosso referendo virtual intrapartidário. Desde já, junte-se a nós para criar nosso programa. Basta apenas se cadastrar e fazer o *log in* em nossa página na internet. (VECI VEREJNÉ, 2010a, p. 5).

Logo a seguir, uma defesa da democracia direta aparece relacionada quanto ao lugar do poder político, onde este último deve “[...] ser reposicionado, na medida do possível, longe dos políticos eleitos e colocados na direção do povo.” (VECI VEREJNÉ, 2010a, p. 5). Em geral, a defesa da democracia direta aparece de uma forma muito resumida no uso de referendos nos níveis nacional e regional, ganhando uma pequena extensão na defesa de eleições diretas para membros do executivo como: presidente, prefeitos e outros chefes regionais.

A posição de antagonismo em relação as elites da democratização começam a aparecer no programa eleitoral na seção de medidas anticorrupção. Logo nas primeiras linhas, o Assuntos Públicos chama a atenção para a falência das elites do *establishment* nas tarefas direcionadas ao combate à corrupção e para o fiasco que foi a versão tcheca da “Operação Mãos Limpas”. De acordo com o partido, além de não ter produzido os efeitos esperados pela população do país, a operação só causou prejuízos a seus cidadãos. Elogiam o papel da imprensa na denúncia dos casos de corrupção e atacam a justiça pelo fato de ninguém ter sido punido²⁰.

O partido descreve o cenário político tcheco como caracterizado pela falta de transparência, pelo conflito de interesses pessoais e pelo clientelismo, afirmando aos leitores interessados em seu programa que o Assuntos Públicos nunca se conciliará com tal situação. No entanto, as soluções para o problema da corrupção oferecidas pelo Assuntos Públicos aparecem acompanhada de um grande simplismo: “Vamos introduzir testes de resistência à corrupção, os quais serão aplicados por um promotor público

²⁰ A acusação não é verdadeira, se tratando de mera retórica política. Para uma lista dos principais escândalos de corrupção e prisões envolvendo o alto escalão do *establishment* tcheco, ver Barbosa (2016).

de justiça especial, podendo também envolver civis sob regras claras e bem definidas.” (VECI VEREJNE, 2010a, p. 7).

O presidente do partido, Radek John, jornalista investigativo e celebridade nacional, quando questionado sobre contra quem o partido estava lutando, respondia da seguinte maneira: “[...] o Assuntos Públicos luta contra todos, em especial os comunistas e sociais democratas.” (MF DNES, 9/09/2009 apud HAVLIK, 2013, p. 7) e junto com outras lideranças e candidatos do partido, passaram a rotular em seus discursos públicos as lideranças dos partidos estabelecidos como “[...] dinossauros políticos, os quais deveriam ser completamente varridos do cenário político” (CESKÁ TELEVIZE, 2010, apud MUSILOVÁ, 2011).

A expressão “dinossauros políticos” teve grande sucesso com o público e passou a ser usada pelos políticos do Assuntos Públicos em referência a todos os políticos do *establishment* generalizadamente associados com práticas de corrupção. Tal discurso estratégico fazia parte da transformação da cultura política tcheca propagada pelo Assuntos Públicos em seus documentos impressos, significando também o tipo de mentalidade e comportamento político que precisava ter fim no país. Dessa forma, ser corrupto era ser como um dinossauro político, e ser um dinossauro político era não apenas estar moralmente comprometido, mas também estar inadequado aos novos tempos advogados.

Em Fevereiro de 2010, Radek John concedeu uma entrevista ao Jornal Mafra (MF Dnes), afirmando que os políticos do *establishment* são “[...] ladrões políticos que agem na escuridão para que ninguém possa ver o que eles roubam... Eles são apenas políticos idiotas que brincam com os fundos públicos.” (MF DNES, 8/2/2010 apud HAVLIK, 2013, p. 7). Três meses depois, Vít Bárta – eminência parda e o real líder do partido – em uma entrevista concedida ao mesmo jornal, deixava claro que seu partido se opunha aos grandes partidos políticos tchecos, engrossando o apelo *antiestablishment*:

Os grandes partidos são incorrigíveis ou poderiam ser reformados apenas com dificuldades. Eles levaram o país a uma democracia de barões ladrões que detêm algumas regiões do país sob seu controle e até mesmo influenciam vários partidos políticos ao mesmo tempo. (MF DNES, 7/05/2010 apud HAVLIK, 2013, p. 7).

Nos programas de televisão, as elites do *establishment* também foram descritas como uma rede estreita de poder, incapaz de ouvir o povo e desprovida de qualquer sentimento de responsabilidade social. Assim, o Assuntos Públicos criava um gancho para se apresentar como o “[...] defensor dos direitos de todas as pessoas honestas e trabalhadoras contra políticos criminosos.” (YouTube. *Veci Verejne*, portal b apud MUSILOVÁ, 2011, p. 29). A isso se unia um *slogan* que ficou famoso em um dos programas que foi ao ar: “Nosso programa é você!” (MUSILOVÁ, 2011), com o Assuntos Públicos introduzindo aos eleitores suas propostas de democracia direta com cidadãos co-autores das leis. Obviamente, a diferenciação com o *establishment* não se faria ausente e, em muitas ocasiões em que Radek John abordou a questão dos referendos locais e regionais, ele aproveitou para enfatizar a posição antagônica entre um povo mais competente e que sabe melhor sobre suas necessidades *versus* uma soberba elite governante: “Os políticos não são especialistas em qualquer coisa e não tem o discernimento para admitir que eles não entendem [...] já os eleitores são brilhantes [...] confiem nas pessoas” (MUSILOVÁ, 2011). Dessa forma, o Assuntos Públicos cobria seu discurso sobre si com um ato de heroísmo, onde apenas o Assuntos Públicos era capaz de lutar e vencer a corrupção no país.

Durante a campanha eleitoral, o Assuntos Públicos assumiu com frequência, no discurso de seus candidatos, uma posição de centro-direita. O centrismo figura no apelo desses tipos de partidos como um recurso estratégico que mantém o partido em sintonia com o sentimento popular de protesto. No caso da República Tcheca e de toda Europa Central, o centrismo se mostra como solução política para que os novos partidos se apresentem em sintonia com um público eleitor desiludido com a direita e a esquerda (tradicionais) de seus países.

Para nós, isso explica, em parte, o porque a falta de uma posição ideológica não foi algo que, diferente do que muitos analistas pensavam, custou eleitoralmente caro ao Assuntos Públicos. No link “Quem somos nós”, em sua página na internet, o Assuntos públicos assim iniciava sua apresentação: “A identidade do nosso partido deriva mais de uma abordagem factual para questões individuais do que para a óbvia filiação de esquerda ou de direita [...] procuramos encontrar novas soluções sem rótulos ideológicos.” (VECI VEREJNE, 2010b).

Em um de seus discursos realizados nas conferências internas do partido, Radek John declarou que todo esforço deveria ser feito para que o Assuntos Públicos devesse “continuar a ser caracterizado por uma ideologia prática e de soluções positivas” (*Veci Verejne: XII Ideologické konference*). Quando questionadas em entrevistas e debates políticos sobre a posição ideológica do Assuntos Públicos, as lideranças do partido respondiam de maneira a invalidar escolhas entre direita e esquerda, atrelando tal posicionamento como um comportamento tradicional, ultrapassado ou “dinossáurico”.

Dessa forma, o discurso *antiestablishment* do Assuntos Públicos entende que a política tradicional não possui mais meios de funcionar nas sociedades contemporâneas: “Nós não queremos nos mover para a esquerda ou para a direita, queremos avançar.” (John, Radek. Discurso 05/2010, POKORNÝ, 2010 apud HAVLIK; HLOUSEK, 2014, p. 6). E também no discurso de Vit Bartá, o qual apresenta o centrismo como a visão política correta e adequada para conduzir as necessidades políticas e sociais contemporâneas:

O sinal clássico de um dinossauro político é uma visão estreita de direita-esquerda da sociedade. É a visão de uma geração política que já passou. Esta visão do mundo tem despertado a sua insatisfação. Ele deixou de funcionar e é por isso que existem os chamados para as mudanças. Há também uma ideologia centrista, a ideologia das soluções corretas. Isso é o que eu acredito. (JORNAL MAFRA, 2010).

Contra as acusações de que a promoção de elementos da democracia direta era o mesmo que adotar uma perspectiva e posicionamento de esquerda, Radek John replicou com argumentos sobre a construção de um governo para o senso comum, com cada representante eleito do Assuntos Públicos para a Câmara dos Deputados como o equivalente a “[...] um voto para o senso comum.” (*Rozhlas Český*, 06/2009 apud HAVLIK, 2013, p. 14). Assim, a (defesa da) democracia direta foi transformada por John em uma perspectiva de um senso comum centrista.

O vazio e indefinição ideológica só atrapalhavam os membros do Assuntos Públicos, quando estes, pressionados por jornalistas, precisavam responder no ato questões sobre o posicionamento político do partido, como em um episódio protagonizado pela vice-presidente e “primeira-dama” do Assuntos Públicos, Katerina Klasnová²¹, a qual se referiu ao partido como “[...] uma direita com sensibilidade social.” (POKORNÝ,

²¹ “Primeira-dama” pelo fato de Klasnová ser esposa de Vit Bartá.

2010 apud HAVLIK; HLOUSEK, 2014, p. 6). De fato, havia uma fração interna do Assuntos Públicos que pressionava pela adesão a um claro posicionamento liberal. Dessa forma, na XII Conferência Ideológica do partido, a última a ser realizada pelo Assuntos Públicos antes das eleições, seus membros publicavam um manifesto onde o posicionamento do partido estaria “ancorado no centro” (Portal *Veci Verejne: XII Ideologické konference*), ao mesmo tempo em que assinavam um acordo de filiação do Assuntos Públicos ao Partido Liberal Democrata Europeu (BARBOSA, 2016).

O Assuntos Públicos obteve 10,88% dos votos nas eleições parlamentares de 2010, o que corresponde a conquista de 24 dos 200 lugares disponíveis no Parlamento Tcheco. Também conseguiu o feito de ser o partido político novato mais bem sucedido desde 1992. Muito sobre o entendimento de seu sucesso foi inicialmente atrelado às estratégias de *marketing* do partido, sobretudo sobre a figura de Radek John e sua empatia com o público. Outro importante fator que conferiu uma vantagem utilizada pelo Assuntos Públicos foi o fato de ser um partido estreante e, portanto, sem histórico de envolvimento de seus membros em escândalos de corrupção, embora a desconfiança existisse devido à presença de um número de super empresários no interior do partido.

Mas a verdade maior é que nenhum partido novo ou jovem encontra condições de sucesso nas urnas se não existir um eleitorado disposto a tirar seu voto dos partidos de costume e confiá-lo em outro, sobretudo um novato que chegou “ontem”. Nesse ponto, o fator fundamental e que conduziu o Assuntos públicos ao sucesso foram os sentimentos de desconfiança, cansaço e rejeição para com os partidos herdeiros da democratização, sobretudo após a eclosão dos problemas de corrupção no país. Em outras palavras, o protesto.

Para decepção total de seus eleitores, logo após as eleições de 2010, o Assuntos Públicos mostraria ao seu público eleitor o quanto não passava de “mais do mesmo” daquilo que tanto criticavam. Primeiro, aceitaram integrar a coalizão governamental chefiada pelos “dinossauros” do Partido Democrata Cívico (ODS). Tentando evitar uma contradição, o partido inventou um referendo *on line*, em sua página na *internet*, para que seus eleitores decidissem se o Assuntos Públicos deveria ou não integrar a coalizão. Pouco mais de um ano depois, seus políticos e lideranças eleitas eram apanhados em sérios escândalos de corrupção²². Não apenas era descoberta uma série de articulações

²² Para uma análise completa da ascensão e fracasso do Assuntos Públicos (*Veci Verejně*), ver: Barbosa (2016).

ilícitas, mas todo um plano de captura do estado e uso político do Assuntos Públicos para ganhos pessoais dos super empresários que compunham o partido. O Assuntos Públicos sofreu um verdadeiro êxodo parlamentar de seus membros. Meses depois, anunciou que não concorreria nas eleições antecipadas de 2013, fechando suas portas em 2015.

Conclusão

Parafraseando Foucault (2005), em sua inversão do aforisma de Clausewitz, se a política é a guerra por outros meios, os momentos de emergência do populismo equivalem, no ponto de vista que apresentamos, à vitória do democratismo nas batalhas travadas pelo alargamento da democracia. Entendemos que esse não é o atual momento vivido na Europa Central, com o sucesso dos *antiestablishment* de centro-direita, classificados por muitos estudiosos da região como partidos populistas. O fato é que o cenário político da região se encontra configurado por novos partidos políticos e novas elites pertencentes aos mesmos estratos de riqueza daqueles cujo poder é contestado. Elites que além de não promover mudanças, após serem eleitas, entraram para a política com fins empresariais (BARBOSA, 2016). Este, talvez, seja o ponto fundamental de toda confusão teórica acerca do populismo na região, atrelando tal fenômeno com seus primeiros esforços de interpretação acadêmica, que relacionavam o fenômeno a um regime de falseamento da verdade. Mas, o que seria então a política em sua busca por apoio e votos em plena época de corridas eleitorais e construções discursivas sem o próprio falseamento da verdade em determinados graus na competição entre os partidos?

O que entendemos para o caso centro-europeu (e europeu) é que o continente pode estar configurado em uma fase de formação do populismo enquanto fenômeno, onde as bem-sucedidas organizações de centro-direita de apelo *antiestablishment* representam os esforços políticos da classe em crise hegemônica, a qual incorpora em seu discurso as demandas, frustrações e reivindicações populares, para reconfigurar o espaço público de dominação e, na prática pós-eleitoral, podem se mostrar como elites puramente demagogas (aquelas que se elegem, mas não cumprem seus discursos democratizantes e dirigem seus esforços para a manutenção das instituições vigentes)

ou elites moderadas (aquelas que tomarão para a si a tarefa de negociar a reconfiguração do espaço público).

A ascensão *antiestablishment* corresponde, assim, ao itinerário de pré-construção do populismo enquanto fenômeno. Os partidos políticos herdeiros da democratização falharam sucessivamente em atender a tarefa de construção democrática prometida durante as revoluções de 1989. Falhas que se agravaram com os efeitos das reformas políticas e econômicas. As demandas populares passaram, então, a se constituir numa rede interconectada de frustrações. A frustração passou a se constituir em um vazio político, onde os cidadãos e eleitores se afastaram da política e passaram a compartilhar sentimentos de reprovação ao *establishment*. Com a falência da administração das elites da democratização batendo a porta, novas figuras pertencentes aos mesmos estratos aristocráticos²³ e abastados das sociedades centro-europeias se articulam em novas organizações políticas e reivindicam para si a tarefa “democratizante”. Canalizando habilmente as frustrações populares, as novas elites constroem um discurso político que divide negativamente a sociedade em dois lados antagônicos, com o povo soberano de um lado *versus* a elite corrupta e usurpadora de outro. Ao mesmo tempo, também constroem uma identidade de si que possa ser radicalmente diferenciada do *establishment* e engenhosamente decodificada pelo povo como seus iguais, redentores de suas frustrações. O sucesso de tal articulação se traduz no sucesso nas urnas, sobretudo conquistando os votos de protestos. Dessa forma, observamos que a alegada “reação populista” na Europa Central (KRASTEV, 2006; SMILNOV; KRASTEV, 2008; SKOLKAY, 2000; RUPNIK, 2007) é, na realidade, uma reação conservadora de centro-direita entre elites descontentes entre si, as quais recorrem às táticas de um populismo instrumental, para assim reconfigurar a dominação no espaço público sob a bandeira da democratização, tarefa que envolve a mobilização dos desiludidos e descontentes:

O discurso populista mobiliza, além de demandas democráticas já existentes, aqueles cidadãos que normalmente não se interessam por questões políticas. Mobiliza quem não tem uma demanda específica *a priori* ou quem, mesmo tendo tal demanda, nunca se mobilizou politicamente até então. Numa palavra: o populismo mobiliza as “maiorias silenciosas”, porque ele constitui vontade. (MENDONÇA, 2014, p. 64-65).

23 Entendendo aristocracia aqui como em Aristóteles e Rancière (2014), remetida a oligarquia dos mais ricos.

Em nosso entendimento, se orientar estrategicamente por uma lógica populista não equivale a ser populista. Ser populista significa incluir, negociar e atender demandas e reivindicações populares na reconfiguração do espaço público; equivale a pertencer a um fenômeno em movimento. Trata-se de um momento de inclusão e realização das principais questões sociais na agenda política, algo que ainda está distante das realizações pós-eleitorais dos *antiestablishment* de centro-direita da Europa Central. Chamamos, então, de elites demagogas justamente o que os analistas do fenômeno na região centro-europeia vêm chamando indiscriminadamente de populismo. Se os novos partidos de centro-direita não cumprirem com suas promessas, um caminho para a ascensão eleitoral de novos partidos de esquerda com estratégias de mobilização populista poderá estar pavimentado²⁴. A disputa entre os dois lados *antiestablishment* (nova direita e nova esquerda) deflagrará uma real situação de populismo, sem espaço para elites demagogas, o que leva inevitavelmente o lado conservador a um maior nível de democratismo nas negociações políticas com relação ao nível inicialmente de abertura desejada, desencadeando, assim, a nosso ver, uma real situação de populismo enquanto fenômeno.

Vimos que, nas primeiras versões do populismo, o dilema vivido pela crise política e econômica se apresentava em sociedades rurais e agrárias transitando para o tipo urbano-industrial. Em outras palavras, tratava-se de um cenário de luta contra o atraso dessas sociedades em sua inserção nos moldes avançados daquele tempo. Esse mesmo quadro pode ser levado em consideração para auxílio no entendimento do momento que vem se configurando na Europa Central, uma vez que o problema é tratado em uma região que, oriunda de décadas de um regime autoritário e fechado para o ocidente, precisava se atualizar e acompanhar suas sociedades vizinhas, agora em um mundo contextualmente mais globalizado, o qual precisava rapidamente se integrar. Como em versões anteriores do populismo, a nova versão que se desenha também vem encontrando sua lacuna de espaço em um momento de crise de hegemonia da democracia liberal e suas instituições, reservando para os próximos anos interessantes novidades a serem exploradas e estudadas pela ciência política e social.

²⁴ A mesma previsão é feita por Laclau (2013), em entrevista à Folha de São Paulo e Mouffe (2014), em entrevista para o The European.

Referências

- BARBOSA, F. A. R. *O teatro das representações trocadas: corrupção, ascensão antiestablishment e o partido-empresa de negócios na Europa Central pós 1989*. Tese (Doutorado)–Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.
- CANOVAN, M. Taking politics to the people: populism as a ideology of democracy. In: MÉNY, Y.; SUREL, Y. (Ed.). *Democracies and the populist challenges*. New York: Palgrave, 2002.
- CENTRUM PRO VÝZKUM VEREJNÉHO MÍNĚNÍ – CVVM. Praha: CVVM, 2017. Disponível em: <cvvm.soc.cas.cz>. Acesso em: 2 jan. 2017.
- DEEGAN-KRAUSE, K.; HAUGHTON, T. Toward a more useful conceptualization of populism: types and degrees of populist appeals in the case of Slovakia. *Politics & Policy*, v. 37, n. 4, p. 821-841, 2009.
- FERREIRA, J. *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- GIDRON, N.; BONIKOWSKI, B. *Varieties of populism: literature review and research agenda*. Harvard: Weatherhead Center for International Affairs, Harvard University, 2013.
- HAVLIK, V. *A populist challenge to Czech party politics? The public affairs political party and its voters in 2010 parliamentary election*. Bourdeaux: ECPR, Contemporary Challenges of Democracy in East-Central Europe, 2013.
- HANLEY, S. *What drives the rise of Europe's new anti-establishment parties?* [S.l.]: Dr Sean's Diary Politics, Central and Eastern Europe and Suburban Life, 2013
- HANLEY, S.; SIKK, A. *Economy, corruption or floating voters? Explaining the breakthroughs of anti-establishment reform parties in Eastern Europe*. United Kingdom: European Consortium for Political Research, 2014. The EU's FP7 ANTICORRP Project.
- HAVLIK, V.; HLOUSEK, V. *Dr. Jekyll and Mr. Hyde: the story of the populist public affairs party in Czech Republic: perspectives on european politics and society*. Brno: Taylor & Francis, 2014.
- HELLMAN, J.; JONES, G.; KAUFMANN, D. *"Seize the state, seize the day": state capture, corruption and influence in transition*. Washington: The World Bank Institute, 2000.
- HIRSCHMAN, A. *A retórica da intransigência: perversidade, futilidade e ameaça*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- HOFSTADTER, R. The paranoid style in american politics. *Harper's Magazine*, p. 77-86, 1964.
- JANSEN, R. S. Populist mobilization: a new theoretical approach to populism. *Sociological Theory*, v. 2, n. 29, p. 75-96, 2011.
- JORNAL MAFRA. *Mlada Fronte Dnes (MF Dnes)*. [S.l.], 7 maio 2010.
- KRASTEV, IVAN. The New Europe: Respectable Populism, Clockwork Liberalism. *Open Democracy Journal*. Free Thinking for the World. 2006.
- KRASTEV, I. The strange death of liberal consensus. *Journal of Democracy*, v. 18, n. 4, p. 56-63, 2007.
- LACLAU, E. *La razón populista*. Buenos Aires y Mexico: FCE, 2005.
- LACLAU, E. O discreto charme do populismo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 15 dez. 2013. Entrevista.

- LACLAU, E. Ernesto Laclau defende o populismo latino-americano para assegurar a participação política. *Zero Hora*, Rio Grande do Sul, 12 abr. 2014. Entrevista concedida à Daniel de Mendonça.
- MENDONÇA, D. Populismo como vontade de democracia. *Colombia International*, v. 82, p. 59-71, 2014.
- MOUFFE, C. Interview. *The European*, 15 jan. 2014.
- MUDDE, C. *Populist radical parties in Europe*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- MUDDE, C. Three decades of populism radical parties in western Europe: so what? *European Journal of Political Research*, v. 52, n. 1, p. 1-19, 2013.
- MUDDE, C.; KALTWASSER, C. *Voices of the people: populism in Europe and Latin America compared*. The Helen Kellogg Center for International Researches, 2011. (Working Paper, 378).
- MUSILOVÁ, M. *Politická strana Věci veřejné pohledem konceptu populismu*. Thesis (Bachelor)– Masarykova Univerzita v Brně, Fakulta Sociálních Studií, Katedra Politologie, 2011.
- NICOLAU, J. Os partidos brasileiros envelheceram. *O Globo*, 19 jun. 2013.
- RANCIÈRE, J. *O ódio à Democracia*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- RUPNIK, J. From democracy fatigue to populist backlash. *Journal of Democracy*, v. 18, n. 4, 2007.
- SALAMANCA, L. J. G. (Org.). *La Captura e la Reconfiguración del Estado em Colombia*. Bogotá: Fundação METODO, 2008.
- SANTOS, B. S.; AVRITZER, L. *Introdução: para ampliar o cânone democrático*. In: SANTOS, B. S. *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*. Civilização Brasileira, 2002.
- SCHMITTER, P. *A balance sheet of the vices and virtues of "populisms"*. European University Institute & Central Europe University, 2006.
- SKOLKAY, A. Populism in Central Eastern Europe. In: THINKING FUNDAMENTALS: IWM JUNIOR VISITING FELLOWS CONFERENCES, 2000. Vienna, 2000. (v. 9).
- SMILNOV, D.; KRASSTEV, I. *The rise of populism in eastern europe: policy paper*. In: MESEZNIKOV, G.; GYARFASOVA, O.; SMILNOV, D. (Ed.). Bratislava. Institute for Public Affairs, 2008.
- URBINATI, N. Democracy and populism. *Constellations*, v. 5, n. 1, p. 110-124, 1998.
- URBINATI, N. *The populist power*. In: URBINATI, N. *Democracy disfigured: opinion, truth and the people*. Cambridge: Harvard University Press, 2014. p. 128-170.
- VECI VEREJNÍ. *Polický Strana: politický program*. 2010a. Disponível em: <www.veciverejne.cz>. Acesso em: 2 jan. 2017.
- VECI VEREJNÍ. *XII Ideologické konference*. 2010b. Disponível em: <www.veciverejne.cz>. Acesso em: 2 jan. 2017.
- VOLBY. *Volební studie*. 2017. Disponível em: <www.veciverejne.cz>. Acesso em: 2 jan. 2017.
- WIGMORE, T. Why Antiestablishment are here to stay? *New Statesman Journal*, 21 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.newstatesman.com/politics/2014/11/why-anti-establishment-parties-are-here-stay>>. Acesso em: 2 jan. 2017.

Recebido: 02 jan., 2017

Aceito: 16 abr., 2017